Mercado de aves

O fim dos ovos de ouro

Frangos demais e milho mais caro criaram um impasse que põe à prova a maturidade do segmento para resolver seus problemas

Irene Raguenet Troccoli

No fim de maio a mídia noticiava a situação alarmante do mercado avícola: o preço do frango vivo vinha sofrendo repetidas desvalorizações. De janeiro a abril, o preço médio mensal pago pelo produto no mercado paulista acumulou queda de 42%, segundo dados da APA – Associação Paulista de Avicultura. A margem de lucro dos criadores, de 21% em dezembro de 1998, na média do primeiro quadrimestre deste ano não saiu de zero.

As explicações para o fenômeno culparam os níveis de oferta da ave, muito acima da capacidade de absorção do mercado consumidor.

Entre janeiro e março a produção brasileira de carne de frango atingiu a média mensal de 411,3 mil toneladas, 25% maior do que a dos mesmos trimestres de 1994 a 1998.

Raízes do problema

Em se tratando de avicultura porém, as origens desse movimento vêm de tempos mais remotos do que o momento em que a carne chega ao comércio. A colocação de um frango abatido no mercado embute um encadeamento produtivo de vários meses, começando com o alojamento das avós, passando pelo alojamento de matrizes de corte e pela produção de pintos de corte, antes de se chegar à ponta do frango vivo.

Como não se dispõe dos dados relativos ao ritmo de trabalho dos avozeiros, a análise deve ser feita a partir do alojamento de matrizes de corte, verificando-se as quantidades alojadas de animais e seus meses de entrada em produção. Além disso, entre esse alojamento e o momento do abate dos frangos vivos gerados, passam-se tipicamente de sete a oito meses.

É claro que os baixos preços do frango em maio último foram causados pelo alojamento recorde de matrizes de corte no trimestre agosto-outubro de 1998, cujos respectivos meses de entrada em produção seriam março, abril e maio de 1999.

Naquele trimestre do ano passado, a média mensal de alojamento chegou à quantidade historicamente inédita de 2.342 mil cabeças. A queda dos preços do frango na ponta do varejo em maio proveio simplesmente de uma oferta elevada, forçada pelo numeroso alojamento da geração imediatamente anterior.

De olho no lucro

Resta saber a razão de tamanho alojamento de matrizes de corte no segundo semestre de 1998, e a resposta é clássica: uma atividade econômica com perspectivas de lucro suficientes para mover os agentes na busca de aumento dos negócios. No caso da avicultura de corte, a resposta reside no indicador clássico de sua lucratividade – a relação entre o preço do frango vivo e o preço do milho, principal insumo à criação.

O mercado do milho no entanto mudou de perfil depois que dele passou a fazer parte a colheita da safrinha. Por conta dessa segunda colheita, o preço pago pelo grão em São Paulo caiu praticamente de forma ininterrupta entre os meses de junho e setembro de 1998. A tendência foi reforçada pela boa oferta do produto ao longo da temporada 1997/98 – que teve como suporte o estoque inicial recorde de 6,2 milhões de toneladas, já que a colheita de 30,2 milhões foi a segunda mais baixa da década.

Em agosto do ano passado os preços da ave relativamente aos do milho foram os mais favoráveis de que se teve notícia. Mas em quatro meses o preço relativo chegava a seu ponto mais reduzido. Foi a partir daí que o alojamento de matrizes de corte passou a crescer.

Hora de planejar

Durante os dois meses seguintes, setembro e outubro, esse movimento continuou, provavelmente porque os matrizeiros recebiam informações defasadas no mercado de ponta de frangos de corte, informações que teriam ainda que ser repassadas ao mercado de pintos de corte.

O mercado avícola brasileiro continua a reagir primariamente à tendência dos preços do milho, seu principal insumo. A produção de carne oscila segundo esse preço, e o segmento avícola ainda não funciona à base de um planejamento consistente entre oferta e demanda.

Os agentes ficam à mercê de intempéries como as de maio último, evidenciando a falta de maturidade do segmento, a despeito de seu enorme peso no complexo brasileiro de carnes.

E-mail: irene@fgv.br

